

# Suplemento Cultural

## MS lamenta a partida precoce de Pierre Adri – exemplo de dignidade e honradez

**RUBENIO MARCELO** – poeta/escritor e ensaísta, secretário-geral da ASL, colunista da Revista Destaque

Descendente de libaneses, natural de Campo Grande, jornalista e advogado, também teólogo, e leiloeiro público oficial, editor da *Revista Destaque*, que circula há quase quatro décadas ininterruptamente em Mato Grosso do Sul, Pierre Adri inseriu com natural competência no seu currículo vários cargos relevantes, como: diretor de árbitros da Liga Esportiva Municipal Campo-Grandense; presidente da Abrajat – Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo/Secção-MS; integrante do Tribunal de Justiça Desportivo da Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul; o primeiro presidente da Associação dos Cronistas Esportivos de MS (ACEMS); presidente do Conselho Regional de Desportos.

Atuante profissional do jornalismo e aplaudido por sua trajetória engajada com a história estadual,

Pierre deixa milhares de artigos autorais publicados em vários órgãos de imprensa de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, além de inúmeras reportagens. Compondo a equipe *Bola de Ouro*, no rádio e TV, integrou jornadas históricas do futebol regional e também fez coberturas de Copas Mundiais de Futebol (anos 1986, no México; 1994, Estados Unidos; 1998, França; e 2006, na Alemanha). Atuou no jornalismo esportivo da Rádio Difusora de Campo Grande, Rádio Cultura, Rádio Educação Rural, e nos anos de 1975 a 1977 na TV Morena. Também trabalhou no *Jornal Diário da Serra* e *Jornal da Manhã*, ocupando neste o cargo de diretor-geral. Mais recentemente, integrou, como comentarista político, o Programa “Tribuna Livre”, da Rádio FM Capital de Campo Grande-MS. Suas últimas atuações na televisão foram no Programa “Ó de Casa”, veiculado pela TV Imaculada e TVE Cultura MS, no qual manteve um abalizado quadro de opinião política. Aliás, eu tive a honra de ser seu companheiro de

equipe neste Programa, apresentando um dos blocos sobre arte/cultura musical.

Também escritor, Pierre Adri publicou – na noite de 26 de novembro de 2005 – o livro autoral: *O ‘Meu’ Colégio Dom Bosco*, homenageando este tradicional estabelecimento de ensino (Campo Grande) no qual ele estudou nos anos de 1954 a 1964. A obra possui prefácio de Cezar Maksoud, que assim afirma num trecho: “Esta publicação nos faz avaliar, pelo menos, dois pontos importantes: o esmero na formação da mente e do coração do Pierre, por parte dos seus extremados pais, e a benéfica influência dos abnegados Salesianos, apontando o espetacular horizonte do bem e da verdade, no percurso feliz de sua vida...”.

Pelas suas atuações profissionais, Pierre Adri recebeu várias condecorações, como: Destaque Descendência Libanesa, Troféu Rui Pimentel como radialista, Diploma Amigo da Associação Paraguaia, Diploma 100 anos da Câmara, co-



ARQUIVO PESSOAL/PIERRE ADRI  
“Pierre Adri – semblante que permanecerá em nossa memória qual paradigma do exemplar ser humano que sempre foi”, GRP

mo ex-vereador, Diploma Honra ao Mérito pela edição do livro “O ‘Meu’ Colégio Dom Bosco”, Diploma Destaque como Radialista, Medalha Esportiva Federação de Futebol de Israel em 1972, Medalha Cultural conferida pela Academia de Ciências de Lisboa-Portugal, Troféu Abrajat Santa Catarina, Troféu Abrajat Minas Gerais, Diploma Defesa da Vida/Secretaria Nacional Antidrogas da Presidência da República, Condecoração no Grau de Cavaleiro pelo Ministério da Aeronáutica, em Brasília; Diploma Amigo da Academia Sul-Mato-Grossense de

“

Sincero e leal, pertencente à estirpe dos seres probos, sempre verdadeiro, pleno de virtudes... Pierre Adri construiu sua trajetória e dignificou o seu viver”

Letras, e outras.

Sincero e leal, pertencente à estirpe dos seres probos, sempre verdadeiro, pleno de virtudes, casado com Mirna Sandra Di Giacomio Adri, e pai de quatro filhos: Milena, Rejane, Marcelo e Reinaldo, o inesquecível Pierre Adri construiu sua trajetória e dignificou o seu viver. Na manhã de terça-feira p.p (29 de setembro), aos 73 anos de idade, ele partiu desta existência terrena com a sua missão exemplarmente cumprida – assim, sem dúvida, a sua memória será sempre viva, emoldurando a sábia história: aquela que, com imparcialidade e lisura, não olvida a saga dos seus lídimos protagonistas.

## Apologia ao cão

**GERALDO RAMON PEREIRA** – escritor/poeta, coordenador cultural deste Suplemento pela ASL

**Alguma explicação sobre o tema** – para desenvolver uma pesquisa de pós-graduação (mestrado/doutorado) na Unicamp/SP, vi-me na contingência de sacrificar a vida de inúmeros cães – conduta permitida àquela época, em prol da Ciência. Os animais, recolhidos em carrocinhas da prefeitura de Campinas, eram por mim selecionados, colocados em canis e preparados (inclusive com fármacos específicos) durante três meses, como protocolo para operar-lhes experimentalmente o coração, sem possibilidade técnica de recuperá-los. Tal procedimento impunha-nos um convívio diário, que fomentava, entre mim e os cachorros, uma profunda ligação afetiva. Doía-me o coração ao lembrar que, brevemente, aqueles animais fiéis amigos, que me festejavam latindo e até me beijavam com lambidas, teriam que me doar seu próprio coração, com sacrifício de suas vidas. A única maneira que encontrei para sufocar minha angústia foi externar-lhes minha gratidão com este poema (que saiu publicado, excepcionalmente, no compêndio da tese):

### Apologia ao Cão

*Geraldo Ramon Pereira*

Cão sem dono, no abandono,  
ladrando serenata, virando lata,  
levando coice do homem-cão...  
Cão de rua, lambendo a lua,  
que o festeja com dedos de luz.  
Cão-menino, sem afeto,  
a mendigar um teto.  
Ao relento, cão e cadelã:  
amor que engata, amor que atrela,  
mostrando ao homem o que é união.  
Cão arauto, de cauda ao auto,  
bem ao auto, acenando pra Deus...  
Sua vida? Não importa!  
Mas, se bate à porta, a boca é torta:  
é coice na cara, é surra de vara,  
é pé pra quem tem...  
Contudo, um cão liberdade,  
Um cão sem destino, um cão sem saudade,  
Um cão feliz: um cão de rua, lambendo a lua  
Que o festeja com dedos de luz.  
---  
Obrigado, ó cão de rua, que trocasse a lua  
e um céu de anil, pela crua de um canil.  
A ti dei água e alimento  
e a mim deste sentimento;  
te ensinei a ter paciência  
e me ensinaste Ciência;  
dei-te injeção e me acariciaste a mão;  
enfim, planejei teu fim e me amaste mesmo assim...  
Obrigado, ó cão, pelo teu amor celeste  
e muito obrigado, amigão,  
PELO CORAÇÃO QUE ME DESTEE!!!

## Edson Tognini: médico que fez história no Operário F.C.

**REGINALDO ALVES DE ARAÚJO** – ro-mancista/cronista, ex-presidente da ASL

Nascido na cidade de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, no dia 18 de maio de 1932, Edson Tognini, um dos mais dedicados e conceituados médicos anestesistas que os sul-mato-grossenses conhecem, destacou-se na década de 1970 como médico do Operário Futebol Clube, time de maior torcida do Estado.

Iniciou seus estudos numa escolinha de Dona Galega, situada na Avenida Afonso Pena, nas proximidades do Obelisco, onde fez o curso primário. Transferiu-se para o Ginásio Estadual de Campo Grande, hoje Escola Estadual Joaquim Murtinho. Concluindo o ginásio, rumou para a Cidade Maravilhosa, estudou e concluiu o 2º grau no concorrido colégio Andrews do Rio de Janeiro. Após passar no disputado vestibular da Universidade Federal, matriculou-se e cursou a Faculdade de Medicina, com aplausos, recebendo o diploma da Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano de 1957.

Com a saudade rugindo no peito, Edson Tognini, agora médico, retorna para Campo Grande no ano de 1958 e, sem perda de tempo, inaugura o consultório de médico anestesista para servir à população que tanto ama.

Dois anos depois, apaixona-se perdidamente pela linda bela-vistense Azir Mercedes Pedra, casando-se no final de 1960. Do festejado casório nasceram três filhos: Maurício (engenheiro), Marcelo (médico) e Mônica (médica).

No ano de 1972 o futebol da cidade de Campo Grande profissionalizou-se. Os dois primeiros clubes que pularam do amadorismo para o pro-

fissionalismo foram Esporte Clube Comercial e Operário Futebol Clube. Ambos necessitavam de médicos para cumprirem o regulamento da Federação de Futebol do Estado. O Operário Futebol Clube acionou o ortopedista Aluizio Macedo que, por sua vez, convidou o nosso herói para ficar responsável pelo setor de anestesia do clube. Foi desta forma, estendendo o braço amigo da amizade, que o Dr. Edson Tognini, cumprindo religiosamente a missão de anestesista no esporte, transformou-se num dos médicos mais queridos e aplaudidos do futebol sul-mato-grossense.

Ele se orgulha de ter trabalhado com técnicos de futebol de renome nacional, dentre eles Muca, Diede Lameiro e o inesquecível, detentor de muitos títulos de campeão, Carlos Castilho, de quem desfrutava de uma rica e sólida amizade.

Como médico do Operário Futebol Clube de 1972 a 1979, felicíssimo, se ufana de ter conquistado cinco títulos de campeão pelo famoso “Galo da Avenida Bandeirantes”, que ainda ama e por quem torce, na quietude de sua aposentadoria, por dias melhores.

No ano de 1964, para distração, passou a jogar no PLEC, time criado pelos profissionais liberais para a prática do futebol. Segundo ele, era um razoável quarto zagueiro que não decepcionava.

Atualmente o médico Edson Tognini, também ex-professor da cadeira de Anestesiologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, goza de sua merecida aposentadoria, desde 1993, e fica prazeroso quando lembra de sua luminosa trajetória no futebol sul-mato-grossense.

## Máquina de escrever

**ILEIDES MULLER** – poeta/cronista, pertence à ASL

À procura de um objeto qualquer, dia desses abri um armário e, dentro dele, encolhida num canto encontrei minha máquina de escrever. Estava ali há décadas, em ativo desuso. Retirei-a daquele ambiente escuro, coloquei-a sobre a mesa, abri a tampa e, diante de suas engrenagens, fiz um voo pelo tempo. Década de 70, eu, normalista e estudante de datilografia, cheia de entusiasmo adentrei uma loja para comprar uma máquina de escrever – meu primeiro patrimônio. Ah, quanta alegria senti naquele dia, em casa, ao abrir seu “estojo” e colocar a primeira folha de papel na base do

seu cilindro; fazer o ajuste das margens; ouvir o tec, tec, tec cadenciado; acompanhar o “carro” deslizando sempre para a esquerda, conduzindo o texto para a margem direita; aguardar o “plin” indicativo de aproximação do limite; observar as letras maiúsculas/minúsculas sendo impressas, uma a uma, todas do mesmo tipo e tamanho; acionar a alavanca de espaçamento linear e de reversão do “carro”; ver o desenrolar dos carretéis da fita com as cores preta e vermelha (únicas opções); explorar os demais botões de comandos; e, com elegância, datilografar a primeira frase! Ah, quanta emoção! Foi paixão ao primeiro texto. Com ela, quantos poemas e cartas de amor escrevi! O som das letras passou a ser a canção que me tocava e era diante dela que minha imaginação fluía e meu coração se alegrava.

Com delicadeza, acaricio o seu teclado e tento me recordar: Por quantos anos ela me serviu? Quando foi que o computador a subs-

tituiu? Em que data a releguei ao canto escuro, coberta por irreversível decadência? Embalada pelas lembranças, reconheço que o mundo evoluiu tecnologicamente, que a vida se tornou mais fácil, ágil e melhor e que nesse processo evolutivo nenhuma chance de competição restou à máquina de escrever. Sem alternativa ou defesa, foi abruptamente abatida pelas luzes da modernidade. Hoje, amarelada pelo esquecimento, dedica-se a propagar um passado no catálogo das inutilidades. Algumas, com mais sorte, compõem acervos de museus para indicar às novas gerações as dinâmicas fases da escrita.

Com olhar compassivo acaricio minha antiga confidente, insiro nela um papel em branco e teclo uma letra. Seu agudo som adentra com força o portal da minha memória e, com alegria, percebo que a máquina ainda permanece fiel ao meu comando. Com um só toque, ensaio um poema novo e sua voz ressoa com o mesmo e inconfundível sotaque.

## POESIA

### do nada, algo

sou de contrariar  
se me pedem o centro  
escolho direita ou esquerda  
unindo poesia e ideologia  
embora saiba que na  
maioria das vezes  
os caminhos escolhidos  
são simples bifurcações  
que levam pensamentos  
coisas  
pessoas  
de volta aos mesmos lugares  
contestações não são inúteis  
embora despertem  
rancores ódios ressentimentos  
provocam também a verve  
da desconfiança no antigo  
trazem ao imobilismo humano  
alguns traços do provocar  
o moderno nem sempre é novo  
o trastevere nem sempre é ranço  
o que espanta nem sempre é nocivo  
é preciso a semente do  
instigar incitar estimular  
para que do  
nada  
nasça  
algo

**Henrique Alberto de Medeiros Filho** – presidente da ASL